

Hilda Hilst e Gabriela Mistral, um diálogo acerca de Deus

Kamilla Kristina Sousa França Coelho (UFU)

Este artigo almeja estudar as imagens de Deus nas poesias de Hilda Hilst (1930-2004) e Gabriela Mistral (1889-1957). Essa escolha foi decidida após uma pesquisa em artigos, teses e dissertações em que concluímos que muito pouco se tem pesquisado acerca das imagens religiosas em ambas autoras e que inovador seria relacioná-las. Percebemos que o que faz com que o tema universal sobre Deus ganhe um valor único, em Hilda Hilst e em Gabriela Mistral, é o tratamento íntimo que ambas direcionam a ele, o que acaba revelando as fraquezas divinas. Com um olhar altamente crítico, elas entendem Deus como um ser frágil e dependente dos homens, e, assim, possuidor de características humanas — como o medo, a dor, a solidão e a tristeza. E, com isso, ambas poetisas encontram seu motivo de viver na utilidade que representam para Deus.

Hilda Hilst, poeta brasileira nascida em Jaú — São Paulo —, em sua extensa produção literária de mais de trinta livros, que varia entre prosa, poesia e teatro, afirma que mesmo trabalhando temas como a morte, o amor, o erotismo, o medo, a efemeridade do tempo e a metalinguagem, seu personagem principal sempre foi Deus. E para falar do ser divino, ela escreve em uma linguagem menos rebuscada e mais acessível em comparação aos outros assuntos, para que não restem dúvidas e incompreensões acerca de quem é esse Deus, ou essa concepção do ser divino, defendida pela escritora. Nota-se que, por meio dessa linguagem e vocabulário simples, Hilda desmonta conceitos religiosos muito fortes, principalmente no que se refere ao cristianismo.

Quando iniciamos a leitura da obra hilstiana, percebemos a sua intimidade ao caracterizar Deus. Enquanto inúmeras pessoas e religiões usam do pudor e medo para nomear a figura divina, a poeta, na busca pelo ser divino, nomeia-o, com liberdade, de diversas maneiras. Almejando, com isso, demonstrar o quanto ele se apresenta para ela como algo indecifrável e de difícil conhecimento, mas, ao mesmo tempo, íntimo. Por conseguinte, ele poderia ser Deus, Aquele outro, Aquele, ou “Grande Obscuro, o Cão de Pedra, o Sem Nome, o Inteiro Caracol, o Inteiro Desejado, o Grande Olho, o Cara Cavada, o Grande Corpo Rajado, o Mudo-Sempre, grande Perseguido, o Sumidouro, o Máscara do Nojo, o semeador, o Homem-luz” (PETRONIO).¹

A dúvida hilstiana na nomeação de Deus revela sua capacidade de criar imagens que levariam a um entendimento melhor e mais profundo do ser divino. Sendo que cada uma dessas palavras destacadas por Petrônio encerra características muito significativas que revelam a personalidade desse ser celestial.

Em contrapartida, Gabriela Mistral — pseudônimo de Lucila Godoy Alcayaga —, nascida em *Vicuña*, Chile, produz cinco significativas obras: *Desolación*, *Ternura*, *Tala*, *Lagar* y *Poema de Chile*, que revelam uma diversidade temática, figurando sobre o seu papel de professora, sua maternidade não realizada, seu amor pelas crianças, sua dor frente à morte de seus queridos, Deus e as paisagens do Chile.

O que se percebe durante a leitura da obra de Gabriela Mistral é que o conhecimento da Bíblia e de Deus corroboram a escritura da poeta, levando-a a se dirigir a Deus de maneira questionadora, porém muito respeitosa e servil. Afinal, os mais íntimos possuem espaço e liberdade para interrogar e discutir atitudes e comportamentos dos demais.

As duas escritoras advertem sobre a fragilidade de Deus e a Ele voltam seus poemas relatando tal estado físico em que se encontra o ser divino. É possível

perceber melhor tais idéias nos poemas. Analisemos primeiramente um poema de Hilda Hilst.

Na obra *Do desejo*, de Hilda Hilst, apreendemos uma escolha pelo divino como tema central, por isso foi feita a seleção de um poema, “Sobre a tua grande face”, em que tal discussão acerca de Deus é mais bem enfocada. Analisemos o quarto poema no trecho que se encontra abaixo transcrito:

Vem apenas de mim, ó Cara Escura
Este desejo de te tocar o espírito

Ou és tu, precisante de mim e de minha carne
Que incendeias o espaço e vens muleiro
Montado em ouro e sabre, clavina, cinturões
Rebenque caricioso
Sobre a minha anca viva?
Ou há de ser a fome dos teus brilhos
Que torna vadeante o meu espírito
E me faz esquecer que sou apenas vício
Escureza de terra, latejante.

Vem de mim, Cara Escura, a ramagem de púrpura
Com a qual me disfarço, As facas
Com os fios sabendo à tangerina, facas
Que a cada dia preparo, no seduzir
Tua fina simetria. E vem de ti, Obscuro,
Toda cintilância que jamais me busca (HILST, 2004, p. 114).

O desejo hilstiano é revelado na primeira estrofe, quando diz “Vem apenas de mim, ó Cara Escura/ Este desejo de te tocar o espírito”. Todo o ser da escritora o deseja, o almeja alcançar, entender e tocar. Assim como Tomé somente acreditou que a pessoa que via em sua frente era Jesus ao tocar em suas feridas, Hilst deseja tocar o espírito de Deus para melhor entendê-lo.

Hilst questiona se seria ela que desejaria o ser divino de maneira exagerada ou se seria Deus que dependeria de seu corpo para existir e se exaltar. Interroga, assim, “Ou és tu, precisante de mim e de minha carne/ Que incendeias o espaço e vens muleiro/ Montado em ouro e sabre, clavina, cinturões/ Rebenque caricioso/ Sobre a minha anca viva?”. O Deus hilstiano é rico e poderoso, ele usa um

sabre (uma espada curta), uma clavina (arma de fogo do homem montado) e cinturões (grande cinto em que se suspendem armas). Mas esse Deus parece estar só e dependente da poeta composta apenas de “carne e anca viva”. Tal contradição leva ao questionamento da poeta sobre a insegurança e dependência do ser divino: “Ou és tu, precisante de mim e de minha carne?”. Pensamos que com diversos aparatos de guerra, que protegeriam Deus contra o mal, ele estaria seguro e preparado para qualquer tribulação, porém o que se nota é que ele depende do homem — simples ser composto de carne e insegurança.

A dúvida se estende, e ela pergunta: “Ou há de ser a fome dos teus brilhos/ Que torna vadeante o meu espírito/ E me faz esquecer que sou apenas vício/ Escureza de terra, latejante”. A fome que Hilst sente por Deus seria a causadora da vivacidade e da alegria que ela sente. Logo, ainda assim, com questionamentos e dúvidas a escritora explica que seria a procura por Deus que a tornaria melhor e a faria esquecer que é mera humana cheia de vícios ou que é simplesmente terrena. A necessidade e dependência de Deus quanto ao ser humano, leva a poeta a se sentir importante, seu espírito vagueia e a faz pensar ser mais que simples “terra” e simples “vício” de Deus. A inspiração, a beleza, o disfarce para a tristeza, a fantasia de um momento melhor vêm da busca por Deus. Ela só encontra todo esse potencial de prazer, alegria e beleza em si mesma quando se percebe útil para Deus.

Assim, ela revela que: “Vem de mim, Cara Escura, a ramagem de púrpura/ Com a qual me disfarço, As facas/ Com os fios sabendo à tangerina, facas/ Que a cada dia preparo, no seduzir/ Tua fina simetria”. Ela traça os espaços e as linhas que delimitariam quem seria Deus e quais seriam suas características, e faz uso de púrpura para se disfarçar e seduzir Deus, se mostrando importante para ele. Mostrando, assim, a dependência de Deus pelo ser humano. E complementa que “E vem de ti, Obscuro,/ Toda cintilância que jamais me busca”. Somente de Deus viria a

cintilância, o brilho e a luz para o viver da escritora, claridade que jamais procuraria a poeta se não viesse da felicidade de ser útil para Deus.

A pesquisa, estudo e procura pelo ser divino é o que a leva a esquecer que é apenas “vício, escuridão de terra, latejante”, passando a crer que é valiosa como o “ouro e o mundo”. A busca a faz confiar que tem “carne e que pode vadear”, acreditando que É e Existe, possuindo o seu lugar importante e significativo no mundo. Mais do que o amor de um homem, a procura pelo ser divino engrandecê-la-ia e possibilitaria maior e melhor prazer do que qualquer aventura terrestre.

De igual maneira, Gabriela Mistral ama a um Deus solitário e, assim como Hilda Hilst, sente necessidade de ajudá-Lo e fazê-Lo companhia. Mistral “No saciada con la pasión terrena, sube constantemente hacia Dios” (ARRIETA, 1960, p. 23). Por isso, encontraremos no poema — retirado da obra *Desolación* — a tentativa de entender e encontrar Deus.

EL DIOS TRISTE

*Mirando la alameda de otoño lacerada,
la alameda profunda de vejez amarilla,
como cuando camino por la hierba segada
busco el rostro de Dios y palpo su mejilla.*

*Y en esta tarde lenta como una hebra de llanto
por la alameda de oro y de rojez yo siento
un Dios de otoño, un Dios sin ardor y sin canto
¡y lo conozco triste, lleno de desaliento!*

*Y pienso que tal vez Aquel tremendo y fuerte
Señor, al que cantara de locura embriagada,
no existe, y que mi Padre que las mañanas vierte
tiene la mano laxa, la mejilla cansada.*

*Se oye en su corazón un rumor de alameda
de otoño: el desgajarse de la suma tristeza.
Su mirada hacia mí como lágrima rueda
y esa mirada mustia me inclina la cabeza.*

*Y ensayo otra plegaria para este Dios doliente,
plegaria que del polvo del mundo no ha subido:
“Padre, nada te pido, pues te miro a la frente
y eres inmenso, ¡inmenso!, pero te hallas herido” (MISTRAL, 1960, p. 59).*

A primeira estrofe alude ao período do ano mais triste, o outono, momento em que as folhas caem e amarelam o chão. Essa estação nos remete à morte, já que

as árvores parecem morrer quando ficam somente em galhos perdendo todo o seu colorido. Mistral “Mirando la alameda de otoño lacerada,/ la alameda profunda de vejez amarilla, como cuando camino por la hierba segada/ busco el rostro de Dios y palpo su mejilla”. No espaço de velhice e morte, em uma alameda cheia de vestígios de tristeza, a poeta busca o rosto de Deus e almeja apalpá-lo como Hilst desejou tocar a alma divina.

Nesse momento triste do outono, que segue sem fim, como um fio de um choro — um choro contínuo, constante, já que parece não haver solução para os problemas —, a poeta sente um Deus que também se vê triste e morto como o outono. Assim diz: “Y en esta tarde lenta como una hebra de llanto/ por la alameda de oro y de rojez yo siento/ un Dios de otoño, un Dios sin ardor y sin canto/ ¡y lo conozco triste, lleno de desaliento!”. Gabriela Mistral nos revela um Deus sem felicidade, que não canta e não está alegre e fortalecido para aquecer e dar esperança ao próximo. Ele se mostra triste e desanimado.

Um Deus assim não poderia dar esperança aos indivíduos. Com isso, sua devota pensa que, às vezes, o Senhor dos exércitos, Senhor dos senhores, Rei dos reis e Todo-Poderoso descrito na Bíblia não existe. Que existiria Deus sim — como criador dos céus e da terra —, mas que este seria fraco e estaria cansado. Por isso, profere: “Y pienso que tal vez Aquel tremendo y fuerte/ Señor, al que cantara de locura embriagada,/ no existe, y que mi Padre que las mañanas vierte/ tiene la mano laxa, la mejilla cansada”. O ser que é divino se encontra cansado, não podendo ser o protetor e vigiador de seus servos.

A poeta ouve um rumor de tristeza e quando olha para Deus ele está chorando. Ela diz: “Se oye en su corazón un rumor de alameda/ de otoño: el desgajarse de la suma tristeza./ Su mirada hacia mí como lágrima rueda/ y esa mirada mustia me inclina la cabeza”. Deus está com um olhar tão murcho e triste que ela se apieda e inclina a cabeça para lhe dirigir uma oração. E assim revela: “Y ensayo otra

plegaria para este Dios doliente,/ plegaria que del polvo del mundo no ha subido:/ ‘Padre, nada te pido, pues te miro a la frente/ y eres inmenso, ¡inmenso!, pero te hallas herido’”. Uma oração que poderia não significar nada — já que não passa de pó deste mundo —, nas circunstâncias em que se encontra Deus, ela lhe faz companhia. Gabriela Mistral diz que nada lhe pedirá, já que não pode encontrar nele socorro, auxílio ou ajuda, pois ele se encontra ferido.

Assim, “Gabriela Mistral adora al Dios único, hijo del desierto, al Dios vengador y terrible que abomina los pecados de la carne, Dios violento, inmensamente distante de su criatura, Dios solitario y resplandeciente” (ARRIETA, 1960, p. 21). Deus, para Hilst e Mistral, permanece sendo o Deus que as criou, porém não poderá ser pai, piedoso e amoroso, porque se encontra ferido e sozinho. Elas “en vano levanta y quiere acharle la túnica de Jesús; se siente detrás su sombra de espanto y en la plegaria insistente que ele dirige, [...] tiembla sordamente el miedo de su propia condenación” (ARRIETA, 1960, p. 21). As preces são para fazer companhia a Deus, pois em vão seria esperar dele socorro e proteção.

Portanto, Hilda Hilst e Gabriela Mistral encontram sentido para seu viver quando se vêem necessárias para Deus. Suas preces, seus poemas e sua dedicação seriam a companhia de Deus, e isso já era considerado um grande motivador e justificador de suas vidas na Terra.

Referências

ARRIETA, Hernán Díaz. Prólogo a la tercera edición. In: MISTRAL, Gabriela. *Desolación*. 3. ed. Santiago de Chile: Editorial del Pacífico, S. A., 1960. p. 13-24.

HILST, Hilda. *Do Desejo*. São Paulo: Globo, 2004. 142p.

MISTRAL, Gabriela. *Desolación*. 3. ed. Santiago de Chile: Editorial del Pacífico, S. A., 1960. 259p.

PETRONIO, Rodrigo. *A morada do sol*. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/rpetronio20.html>>. Acesso em: 15 maio 2008.

Nota

¹ Petrônio é crítico e estudioso de Hilda Hilst, sendo que muitos de seus artigos encontram-se publicados na *internet*, como é o caso dessa citação. O *site* em questão encontra-se nas referências.